

**Silvia Lucia Bigonjal Braggio<sup>1</sup>**

(Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás)

**As diferentes situações sociolinguísticas e os tipos dos empréstimos na adição do português ao xerente akwén: fatores positivos e negativos**

**ABSTRACT:** Researches dealing with individual and societal bilingualism have been growing in Europe and United States for the past two decades. Although Brazil is one of the richest countries in language diversity, researches on these topics are still very few, mainly regarding indigenous languages in contact with Portuguese. My general goal is to contribute to the field by pointing out some findings of the addition of Portuguese to the native language of the Xerente Akwén indigenous people. Sociolinguistics and ethnosyntax theories are the support of my findings and analyzes. Data were collected through continuous “natural” observations, interviews and semi structured questionnaires during the past years (1988 on) showing the role of borrowings in this scenario. Results can be positive or negative when they are considered at different bilingual situations of the group. My specific goal is to provide to linguistic and educational policies done by the Xerente Akwén.

**KEYWORDS:** Contact Languages; Individual and Societal Bilingualism; Borrowings.

**RESUMO:** Pesquisas sobre bilinguismo vêm recebendo uma significativa atenção nas várias áreas da linguística, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, trazendo à luz resultados importantes sobre o tema. Embora o Brasil seja um dos países com mais diversidade linguística, essas pesquisas ainda são poucas, principalmente em se tratando de línguas indígenas em contato com o português. Meu objetivo geral nesse artigo é tratar do contato entre o português e a língua xerente akwén, do povo do mesmo nome e das influências que ambas se exercem. Para tanto, fundamento-me nas pesquisas mais recentes da sociolinguística e da semântica da gramática. Os dados foram coletados por meio de observação contínua, entrevistas e questionários semi-estruturados, com diferentes gerações de falantes, ao longo de 20 anos de trabalho dessa autora com o povo akwén com ênfase nos diferentes tipos de empréstimos feitos nas situações sociolinguísticas. Os resultados apontam que as influências mútuas podem ser positivas ou negativas. Meu objetivo específico é contribuir para essa área de estudos, e para políticas de língua e educacionais do povo xerente akwén.

**PALAVRAS-CHAVE:** Línguas em Contato; Bilinguismo Individual e Social; Empréstimos.

---

<sup>1</sup> Professora titular de linguística da Faculdade de Letras da UFG. Este artigo faz parte do processo 300854/2009-9, CNPq. Pesquisadora 1D do CNPq.

## 0. INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre o bilinguismo individual e social têm sido cada vez mais instigantes nas últimas duas décadas, vinculadas às ciências cognitivas, sociolinguística e semântica da gramática (De Groot 2011; Cook e Bassetti 2011; Gardner-Chloros 2011; Wierzbicka 1997; Enfield 2004; Gumperz e Levinson 1996, entre outros). Todavia, são poucos os estudos que focalizam línguas minorizadas em contato com uma língua majoritária. No Brasil esses estudos ainda são incipientes no que diz respeito às línguas indígenas em contato com o português. Esse artigo tenta trazer à luz o resultado da adição da língua portuguesa à língua nativa da sociedade indígena xerente akwén. Como o próprio título indica, considera-se nesse artigo que há uma interconexão entre as diferentes situações sociolinguísticas e os tipos de empréstimos. Estes são vistos com base em teorias próprias de bilinguismo na sociolinguística, e na etnossintaxe, ou semântica da gramática. Mais especificamente, mudanças na situação sociolinguística de um grupo monolíngue para bilíngue apontam indícios sobre os possíveis efeitos na sociedade bilíngue. Nesse artigo trato particularmente das inter influências entre as duas línguas, da língua indígena na língua portuguesa e da língua portuguesa na indígena por meio dos tipos de empréstimos da língua portuguesa elaborados pelos falantes indígenas, considerando os empréstimos como marcadores sensíveis de diferentes situações sociolinguísticas. A fim de alcançar meus objetivos são analisados dados coletados com os xerente akwén de diferentes gerações com ênfase nos empréstimos. Foram utilizados questionários semi estruturados e analisados diferentes eventos de fala, além de observações “naturais” ao longo de vários anos de trabalho dessa autora com esse povo. Os resultados apontam que as diversas situações de bilinguismo e os tipos de empréstimo por elas gerados podem ser considerados positivos ou negativos em vista do que se entende por perda ou obsolescência de língua. Como objetivo específico espera-se que esse artigo possa contribuir para os estudos na área de línguas em contato, e para políticas de língua e educacionais do povo xerente akwén.

A seguir, a fim de esclarecer a utilização da sociolinguística e da etnossintaxe em meu trabalho, apresento os aspectos considerados relevantes nessas áreas, pois os julgo necessários para a apresentação das questões, da metodologia e análise dos dados, e dos objetivos gerais e específicos.

## 1. BREVE APRESENTAÇÃO DOS PARADIGMAS E O BILINGUISMO INDIVIDUAL E SOCIAL

Os estudos e pesquisas sobre bilinguismo a partir de finais do século vinte vêm tomando grande impulso na linguística. Duas vertentes têm se distinguido: a das ciências cognitivas que estudam o indivíduo bilíngue<sup>2</sup> e a dos sociolinguistas que tratam dos aspectos sociais das comunidades bilíngues. Destaca-se também, atualmente, a etnossintaxe, com estudos voltados para as línguas indígenas.

---

<sup>2</sup> A psicolinguística e a neurolinguística fazem parte dessa vertente com inúmeros e significantes estudos sobre bilinguismo e aquisição de segunda língua. Não trato dessas áreas nesse artigo.

### 1.1. A vertente sociolinguística

A primeira vertente, a sociolinguística, pela sua própria natureza, trabalha com a sociedade bilíngue. Uma das principais questões é saber o que ocorre quando duas (ou mais) línguas entram em contato: quem fala o que, em que língua, onde, quando, como e por que. As pesquisas sociolinguísticas sobre sociedades bilíngues vêm ocorrendo a partir de 1960. Podem ser de natureza qualitativa, quantitativa ou de ambas (Gardner-Chloros 2011). Os autores tratados a seguir revelam-se fundamentais na compreensão dessa vertente.

As pesquisas qualitativas fundamentam-se principalmente em Hymes (1967, 1974) e Gumperz (1972). Hymes, ao postular a noção de competência comunicativa, diferencial para cada indivíduo, propõe os fundamentos da etnografia e da etnografia da comunicação ou da fala para as análises de eventos e atos de fala coletados de forma “natural” nas comunidades linguísticas bilíngues (Hymes 1967, 1974). Hymes não deixa de lado a noção de competência gramatical postulada por Chomsky, mas como o foco de sua proposta está nas interações entre os indivíduos, estas devem ser vistas no contexto situacional em que ocorrem, levando-se em consideração: o status dos interlocutores, o contexto, a mensagem, a forma, o tópico e as pressuposições do ato de fala. A etnografia da fala foi e continua sendo utilizada em diferentes comunidades linguísticas, principalmente a partir da revisita a Sapir e a Whorf. Gumperz (1968 em Giglioli 1972), por sua vez, consolida essa forma de analisar os eventos de fala propondo a concepção do que se entende por comunidade linguística e o caráter discursivo da(s) língua(s) entre os falantes. Portanto, ambos os autores são considerados como fundadores de uma forma diversa de concepção, coleta de dados e de análises das línguas em contextos situacionais e falantes diversificados.

As pesquisas de natureza quantitativa, com a elaboração de questionários estatisticamente quantificáveis, fundamentam-se principalmente em Fishman (1969 em Giglioli 1972) que elaborou os parâmetros para a análise das funções das duas línguas em uma comunidade bilíngue, assim como do conhecimento das línguas e atitudes de seus falantes com relação a elas em diferentes domínios sociais. A análise dos usos das línguas dá proeminência ao tópico, local e interlocutores. A noção de *diglossia* para comunidades bilíngues elaborada pelo autor, a partir da noção originária de Ferguson em 1959 para comunidades monolíngues, foi um passo importante para a verificação do status das línguas em contato naquelas comunidades. Sobre essa vertente veja especialmente os hoje livros clássicos organizados por Giglioli (1972) e Blount (1974) que dão uma visão histórica de seus autores.

Fishman é também um dos principais proponentes das *tipologias sociolinguísticas* que abarcam os inúmeros fatores que podem estar levando uma língua à sua obsolescência e perda ou se está vitalizada (Fishman 1997, 1991, 2000). Gardner-Chloros (2011) aponta, ainda, que as pesquisas sociolinguísticas podem ser enriquecidas se elaboradas em conjunto com as ciências cognitivas.

Além disso, postulo que a palavra chave nas pesquisas sociolinguísticas é “uso”, pois acredito que, dada uma situação sociolinguística assimétrica, há sempre a influência de uma língua sobre a outra, da mais usada (ou falada) sobre a menos usada. Ou seja, há uma língua que domina a outra nas diferentes situações sociolinguísticas. O processo de

aquisição de segunda língua de modo sucessivo e os empréstimos por criação, do tipo *loanblend*<sup>3</sup> e “aportuguesados”, no caso da relação entre o português e uma língua indígena, dão suporte a essa assunção (mostrados na parte de análise dos dados). Na verdade, o falante bilíngue possui capacidade para operar com duas ou mais línguas nas diferentes situações sociolinguísticas e ambientais/culturais que sofrem influências do contato em variados graus de intensidade.

As definições sobre o que seja o indivíduo bilíngue na sociolinguística têm acompanhado o desenvolvimento da linguística a partir do fim da primeira metade do século 20. Assim sendo, ora são altamente restritivas, ora muito amplas. Nesse texto, adoto a perspectiva que assumo como a mais adequada: um indivíduo bilíngue é aquele que usa (fala) duas línguas no seu cotidiano e, portanto, tem conhecimento das duas línguas e sabe como usá-las em diferentes situações de interação social. Quando adoto a palavra uso, postulo na sociolinguística, a partir de Hymes (1967) e Halliday (1964), que juntamente com a competência gramatical há a competência comunicativa, ou seja, o conhecimento do uso das línguas nos diferentes eventos e atos de fala (Hymes 1967), a competência funcional, isto é, o conhecimento do uso das línguas nas diferentes funções (Halliday 1964), juntamente com a competência discursiva (Gumperz 1972). Essas competências operam conjuntamente em um continuum e seus falantes não são polarizados em mais ou em menos bilíngues, ou seja, são bilíngues na medida em que atendam às necessidades do indivíduo bilíngue nas suas sociedades. Logo, quando se afirma que o falante tem conhecimento das duas línguas admite-se que o processo de se tornar bilíngue se dá através de estágios, em um continuum, de forma lenta e gradual.

Portanto, todo indivíduo bilíngue que adquire uma segunda língua (doravante L2), sucessivamente, tem, a partir de sua primeira língua adquirida (doravante L1), formas únicas, singulares, de falar a L2. Cook e Bassetti (2011) afirmam, ainda, que nem na forma monolíngue, nem na bilíngue, o falante possui enunciados semelhantes aos monolíngues, premissa essa também encontrada nas ciências cognitivas.

Já na sociedade bilíngue, nas situações sociolinguísticas de bilinguismo assimétrico, quando da instauração de uma nova língua ao grupo monolíngue, observa-se um continuum gradual de bilinguismo incipiente (*incipient bilingualism*) à de bilinguismo alto (*high bilingualism*). Ou seja, um grupo monolíngue em sua L1, em contato com uma L2 passa, na maior parte das vezes, de bilinguismo incipiente a bilinguismo alto e pode chegar à situação limítrofe de ser monolíngue na L2, em parte pela percepção/atitude com relação à “validade” das línguas em seu ambiente e pelas pressões que enfrentam cotidianamente.

Empréstimos pela L1 da L2 e *codeswitchings* passam a ocorrer e são elaborados de formas diferentes dependendo da situação sociolinguística do grupo. Na situação de bilinguismo incipiente os empréstimos são criados a partir de itens lexicais da L1, ou seja, “empréstimos por criação” ou semânticos. Já no continuum de mais contato, os empréstimos passam pelo filtro da língua e pelos processos morfofonológicos da L1. Quando o grupo atinge o bilinguismo alto, com cada vez mais contato e conhecimento da

---

<sup>3</sup> A tradução da palavra *loanblend* para o português ainda não está totalmente aceita. Portanto, uso-a no inglês. Não literalmente, *loanblend* é o empréstimo que mistura duas línguas no mesmo item lexical. Nesse artigo é a mistura da língua xerente akwén com a portuguesa.

L2, começam a surgir empréstimos do tipo *loanblend*, com a mistura das duas línguas, e os aportuguesados, com influência da L1, mas usados em muito maior quantidade que os demais tipos. Em estágio limítrofe, ocorrem os empréstimos diretos, sem usar o filtro da L1. Este último caso geralmente acontece quando uma geração +jovem adquire as duas línguas simultaneamente, ou a L2 antes da L1, tem contato constante com a L1 e a manutenção de sua língua pode não ser vista como prioridade.

A partir dessas assunções é que, por meio dos dados que apresento, faço considerações que julgo relevantes para as línguas minorizadas já que, é claro, a aquisição e o conhecimento de duas línguas permitem ao falante saber como usá-las nas diferentes situações de comunicação. Ou seja, é necessário que o falante bilíngue compreenda que para se comunicar com determinadas pessoas precisa saber a(s) sua(s) língua(s). Em situação de contato o ideal seria que a aquisição se desse da forma mais “natural” possível, a fim de que as crianças e os adultos possam ativar suas “estratégias de aquisição”, ou seja, as formas de adquirir uma ou mais línguas. Tanto no caso da criança quanto do adulto, há um caminho de construção individual, singular, que só os falantes podem fazer. No caso da criança, o papel do adulto e das outras pessoas no seu ambiente é fundamental, pois é por meio da interação, da relação com essas pessoas, ou interação “interpessoal”, que ela vai adquirir e desenvolver sua(s) língua(s) no nível “intrapessoal”. Na verdade, a interação é de vital importância para que qualquer falante desenvolva todas as estratégias necessárias para a aquisição de uma L2.

No que diz respeito às inter influências das línguas, como já afirmei, elas não ocorrem somente no período da aquisição. Elas acompanham o bilíngue durante toda sua vida, mas de formas diferentes, como uma “estratégia da conversação”, ou seja, mesmo que se postule que as duas línguas possam estar em sistemas separados é possível misturá-las em uma conversação entre falantes bilíngues por diferentes razões (Grosjean 1982). Também, quando a aquisição é sucessiva, marcas da L1 (fonemas, por exemplo), podem acompanhar o falante por toda a sua vida. Todavia, não se conhece casos em que este último fator afete a compreensão com falantes monolíngues na L2.

Quando tratamos com línguas minorizadas em relação às línguas de maior prestígio, observa-se que nos empréstimos a influência é sempre de mão única, da L2 na L1, como ocorre com as línguas indígenas e a língua portuguesa no cenário atual. Embora tenha havido uma época em que o português de Portugal tomava emprestado das línguas indígenas, principalmente do tupi da costa (Rodrigues 1986), hoje esse processo está tão esvanecido (escondido?) que geralmente só os linguistas o conhecem e dele se ocupam. Os empréstimos sempre ocorreram na história de línguas em contato e continuam ocorrendo. Todavia, é muito diferente quando o português toma emprestado do inglês, por exemplo, da situação de empréstimo de uma língua étnica “tomar emprestado” de uma língua falada por milhões de brasileiros e que, por razões instrumentais de sobrevivência, deve ser adquirida pelos falantes indígenas, a fim de que não sejam ainda mais excluídos da sociedade envolvente. No item seguinte, ainda dentro da sociolinguística, trato de alguns aspectos do bilinguismo por serem recursivos nos dois paradigmas por mim utilizados.

## 1.2. Dados de aquisição de segunda língua sucessiva e seus efeitos

Tanto a criança que adquire uma língua, como a que adquire duas, apresenta o mesmo processo de aquisição, ou seja, passa dos níveis considerados simples para os complexos (Grosjean 1982, 1994), o que corrobora as premissas das ciências cognitivas. Nesse processo, a criança tem que fazer a distinção do uso dessas línguas nos diferentes eventos comunicativos. Estudiosos que trabalham com o assunto vêm mostrando que há aspectos em situações de bilinguismo sucessivo de línguas em contato que são reiteradamente encontrados e se referem ora ao indivíduo, ora ao grupo (bilinguismo no indivíduo e bilinguismo na sociedade). No bilinguismo referente ao indivíduo observa-se que: (1) A L1 dá suporte para a aquisição da L2; (2) Logo, há marcas linguísticas (indícios) da L1 na L2; (3) Em um continuum de desenvolvimento da L2 os indícios da L1 podem se tornar menos frequentes; (4) Se o uso da L1 e da L2 for equilibrado as línguas começam a mostrar características próprias de cada língua; (5) Se essa situação se sustenta, a L1 e a L2 começam a ser utilizadas em eventos de fala próprios de cada uma e embora as línguas mostrem influências mútuas, elas não comprometem os seus próprios espaços de uso. Todavia, em situações sociais de bilinguismo assimétrico, principalmente com grupos indígenas, com uma L2 mais forte do que uma L1, sendo aquela situação de equilíbrio altamente improvável, pode se observar que: (1) A L2 passa a ocupar lugar em eventos de fala típicos da L1; (2) Nesse caso, há fortes indícios de que a L1 passe a emprestar da L2, não ocorrendo o inverso, da L2 emprestar da L1; (3) Os empréstimos da L1 para a L2 passam a ser de tipos diferentes; (4) Dado que duas línguas geralmente não ocupam os mesmos espaços conversacionais, uma língua considerada mais forte, a L1, pode sobrepor-se à outra, a L2 e, (5) Nesse caso, a língua minorizada resiste ou é deslocada pela mais forte. A seguir trato da vertente etnossintática.

## 1.3. A vertente etnossintática

A fim de estabelecer a relação da língua com a cultura/ambiente, eu me apóio na retomada e revisita do paradigma da relatividade linguística em sua forma fraca, *narrow*, mais especificamente, baseada nos autores Sapir (1949) e Whorf (1941 em Blount 1974). As pesquisas nessa vertente vêm se tornando mais frequentes nos últimos 20 anos. Como seria de se esperar baseiam-se, em princípio, em Hymes e Gumperz. Antes dessa revisita a Sapir e Whorf, houve certo apagamento desses dois autores. É a partir de fins dos anos de 1980 que começam a surgir revisitas aos trabalhos de Sapir e de Whorf, em uma versão *fraca* e não “forte/determinista”, como foi rotulada, a fim de explicar fenômenos linguísticos intrínsecos à cultura e, portanto, à sociedade de um povo, sua língua e pensamento. Para tanto, passo a discutir os pressupostos da etnossintaxe. Ao fazê-lo, minha preocupação está justamente naqueles temas das línguas indígenas que podem ser vistos a partir do enfoque da etnossintaxe.

Uma das principais questões que norteiam as pesquisas na etnossintaxe é verificar o papel do ambiente/cultura nas diferentes classificações/categorias, conceitos semânticos/pragmáticos nas diferentes línguas e diferentes comunidades linguísticas.

No cenário norte-americano do século 20, o desenvolvimento do pensamento de Sapir e Whorf sobre o que é uma língua originou-se de Boas e deu suporte ao pensamento de ambos, principalmente de Sapir que foi discípulo de Boas. As afirmações de Boas e Sapir mostram essa conexão.

O que Boas escrevia em 1911 (1974:70) era não só o que entendia sobre língua e cultura, como também a necessidade de estudá-las dadas as suas diferenças: "...a língua parece ser um dos campos mais instrutivos em uma investigação da formação das idéias étnicas fundamentais...[pois]...as categorias que são formadas sempre permanecem inconscientes [para os falantes]...as características peculiares das línguas estão claramente refletidas na visões e costumes dos povos do mundo". Essa afirmação deixa claro que Boas, não só reconhece as peculiaridades das diferentes línguas, principalmente das línguas indígenas norte-americanas, como urge para que sejam estudadas.

Sapir, considerado um dos mais importantes linguistas norte-americanos do século XX, na esteira de Boas, assume que a cultura, por meio da linguagem, afeta a forma como pensamos, principalmente por meio das nossas experiências no mundo. Resumir o pensamento de Sapir sobre o que ele entende por língua é uma tarefa difícil. Logo, apresento um excerto do seu pensamento na tentativa de captá-lo, não sem antes indicar que a relação de Sapir com Boas, está justamente no fato de esses autores estarem vivamente interessados nas línguas nativas norte-americanas. Sapir (1921 [1949: 207-209]) escreve: "Novamente, a língua não existe fora da cultura, isto é, do conjunto de práticas e crenças socialmente herdadas que determinam a textura de nossas vidas... A sua língua materna [do ser humano] é a matéria prima formal dos mais internos pensamentos e sentimentos".

Se tomada ao pé da letra, ignorando todos os outros escritos de Sapir, a cultura determina o pensamento por meio da língua(gem) e não haveria limites para a diversidade linguística. Whorf (1941 [1974: 67]), discípulo de Sapir, seguindo a tendência deste, afirma que: "Os seres humanos não vivem no mundo objetivo por si só, nem somente no mundo da atividade social... mas estão fortemente à mercê da língua particular que se tornou o meio de expressão para sua sociedade".

Esta e outras afirmações de Whorf, principalmente a que faz em relação aos Hopi (indígenas do sudoeste norte-americano), assumindo que este povo não possuía a mesma concepção de tempo [presente – passado – futuro, etc.] semelhante à dos europeus e que, portanto, a língua originada no ambiente determinaria o pensamento, causa certo desconforto por ele não ter apresentado dados suficientes para as suas afirmações e por ter desconsiderado, entre outros aspectos, o modo do verbo. Dessa forma, a hipótese Sapir-Whorf, elaborada a partir das afirmações desses autores, foi tomada como determinista, ou seja, na sua versão forte. Todavia, Lyons, em 1986, afirma que seria possível argumentar por uma versão fraca, *narrow*, ao falar das estruturas gramaticais (e não somente lexicais). Lyons (1986: 276) afirma que: "...a estrutura da língua de um indivíduo influencia a percepção e a lembrança. E isto não deve ser esquecido".

À medida que a linguística e a antropologia se desenvolvem na segunda metade do século 20, uma releitura da hipótese de Sapir-Whorf é possibilitada (Gumperz e Levinson 1996). Segundo Enfield (2004: 5), um dos principais autores nessa abordagem, o termo etnossintaxe foi cunhado por Wierzbicka em 1979 usando-o no sentido estrito, já que ela assume "que toda língua traz em sua estrutura *uma certa* visão de mundo, *uma certa* filosofia... *certos* significados específicos da língua a modos de pensamento..." (minhas

aspas). Ou seja, a cultura e a língua têm importância para a forma como pensamos, mas não totalmente (a palavra chave em sua proposta, portanto, é “certa”). Ao cunhar o termo etnossintaxe a autora afirma que este termo refere-se à codificação das ideias culturais na *semântica da gramática* (Wierzbicka 1997), vistas de forma a entender as palavras chave de uma língua de modo mais amplo. Na verdade, nem só a cultura se manifesta na língua e, por fim, no pensamento, mas há uma recíproca do pensamento do ser humano sobre a cultura e, portanto, sobre a língua. O ser humano e o ambiente são reciprocamente responsáveis, dando-se à cognição humana também um papel preponderante em vista de aspectos cognitivos comuns em todos os seres humanos, mas apontando-se a importância do contexto sociocultural e ambiente no desenvolvimento humano e, portanto, na língua. É importante observar que para Gumperz e Levinson (1996: 3) “as diferenças interpretativas estão enraizadas tanto nos usos das línguas como em sua estrutura”. Por conseguinte, língua, no seu sentido amplo, e cultura estão intrinsecamente relacionadas.

Wierzbicka (1997) em seu trabalho com palavras do léxico inglês (*friendship, freedom, liberty*, etc.) quando ocorrem em russo, japonês, polonês e alemão, mostra diferentes cargas semânticas entre elas, geradas em tempos e ambientes específicos, dá força a uma profícua e importante discussão entre linguistas. Revisitas ao relativismo linguístico vêm sendo feitas, na versão *narrow*, trazendo à luz estudos fascinantes. Linguistas trabalhando com línguas indígenas e outras línguas não indígenas têm dado importante contribuição à etnossintaxe ou semântica da gramática. Esses autores partem dos artigos de Sapir e Whorf e apresentam seus trabalhos na versão *narrow*, como Enfield, Gumperz, Levinson, Gomez-Imbert, entre outros. Esses são alguns dos autores que vêm trabalhando nessa abordagem, por tanto tempo deixada na obscuridade em vista de sua versão considerada determinista. Referem-se, entre outros aspectos, às diferentes categorizações de tempo, localização no espaço, noção de quantidade e de propriedade (alienável/inalienável), formas de tratamento, significação das cores, sentimentos, emoções, etc. Embora a maioria desses estudos tenha grande impacto na elaboração de meu artigo, na impossibilidade de descrevê-los de forma completa, abstenho-me de fazê-lo. Gomez-Imbert (em Gumperz e Levinson 1996), que trabalha com línguas indígenas, destaca-se nesse cenário, ao apontar as diferentes classificações dos itens lexicais que povos indígenas da região do Vaupés, no nordeste da Amazônia, fazem sobre os animais.

Os resultados das diferentes abordagens etnossintáticas estabelecem um ponto de equilíbrio, optando pela versão fraca: o ambiente tem, sim, influência na língua dos indivíduos, mas não totalmente, já que o caminho é bidirecional e não unidirecional.

A apresentação dessas vertentes deixa clara a minha disposição em fundamentar esse artigo nas duas vertentes: na sociolinguística e na relação cultura/pensamento por meio da etnossintaxe ou semântica da gramática, já que me foi possível abordar o tema, línguas em contato, na análise e descrição dos dados, com mais propriedade.

## 2. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS: QUESTÕES A SEREM RESPONDIDAS

As línguas minorizadas estão desaparecendo a uma velocidade nunca antes vista (Krauss 1992). Segundo a UNESCO (2000), estudos sociolinguísticos, em sociedades indígenas bilíngues são altamente necessários, a fim de verificar como isso vem

acontecendo, levando-se em consideração que uma língua minorizada pode ser deslocada e mesmo tornar-se extinta durante o processo de instauração e desenvolvimento de bilinguismo entre seus falantes. Ou seja, um grupo pode passar de monolíngue em sua língua, a bilíngue, e a monolíngue na L2, indo de bilinguismo incipiente a bilinguismo alto. Linguistas que estudam línguas indígenas em contato e em perigo de extinção (Dorian 1989; Krauss 1992; Grinevald 1998; Hale 1992a 1992b 1998, 2001; Fishman 1977, 1991, 2000; Nettle e Romaine 2000; Edwards 1992; Grenoble e Whaley 1998; Braggio 1995, 1997, 2000, 2001, 2010, entre outros), debruçam-se sobre os indícios que possam desvelar causas linguísticas e extralinguísticas que estão levando as línguas minorizadas a passarem por um processo de obsolescência e serem deslocadas pelas línguas de maior prestígio, geralmente as línguas oficiais, no caso do Brasil, o português. Todavia, ainda são poucos os estudos no Brasil que têm se dedicado em observar, analisar e descrever os fatores intrínsecos às línguas propriamente ditas (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e suas interfaces), entrelaçados aos fatores sociais, ambientais e culturais, que mostram tanto a L1 influenciando a L2, como a L2 influenciando a L1, nos seus aspectos positivos ou negativos.

Esse artigo tem por *objetivo geral* mostrar como se dão esses fatores, por meio da análise de dados coletados por pesquisas sociolinguísticas realizadas ao longo de 20 anos de trabalho desta autora com esses temas. Os sujeitos desta análise são os indígenas xerente akwén (descritos posteriormente). Sua língua e a portuguesa, são os objetos de minhas reflexões e questionamentos. Para tanto, analiso dados de diferentes gerações de falantes no uso cotidiano da fala. Em seguida trato dos empréstimos pela L1 da L2, considerados por mim, em estudos anteriores, como indícios relevantes das situações sociolinguísticas indígenas. Os exemplos foram coletados por meio de observações constantes, pesquisas sociolinguísticas qualitativas (eventos de fala) e questionários semiestruturados. Trato (i) dos empréstimos por criação ou semânticos, (ii) os que passam pelo filtro da L1, mas são aportuguesados e, (iii) dos *loanblends*, em que as duas línguas são utilizadas, nas diferentes situações sociolinguísticas. Meu *objetivo específico* é contribuir para os estudos científicos de línguas em contato e de bilinguismo e, conseqüentemente, para que possa dar suporte / subsídios para políticas linguísticas e educacionais desse povo.

As questões de pesquisa que norteiam meu trabalho são:

- (i) O que ocorre com a adição de uma L2 em uma comunidade monolíngue nas diferentes situações sociolinguísticas e ambientais/culturais nas sociedades indígenas?
- (ii) Quais os aspectos positivos e negativos da influência da L1 na L2 e da L2 na L1?
- (iii) Que fatores linguísticos e extralinguísticos operam nestas duas situações?
- (iv) Quais as perspectivas para a língua minorizada? Obsolescência? Resistência?

### 3. ANÁLISE DOS DADOS: UMA BREVE INTRODUÇÃO

Os xerente akwén vivem em duas áreas demarcadas, homologadas e registradas em cartório, na região de Tocantínia, no estado do Tocantins. Perfazem por volta de 3.500 indivíduos, com uma porcentagem de 10% deles vivendo na cidade de Tocantínia, a mais próxima às áreas. Sua língua é classificada dentro da família Jê, do tronco Macro-Jê (Rodrigues 1986). A língua é basicamente aglutinante e do tipo SOV (sujeito-objeto-verbo).

De acordo com a análise e descrição da situação sociolinguística, feitas em diferentes momentos junto aos xerente akwén, posso afirmar, com segurança, que esse povo encontra-se em um momento de bilinguismo alto, ou seja, a maioria de seus falantes é bilíngue, domina a própria língua e o português. Os fatores extralinguísticos, por mim detectados em estudos tipológicos sociolinguísticos e apontados para a atual situação sociolinguística, são o contato cada vez mais intenso com falantes da língua portuguesa: (i) por meio da migração para a cidade, (ii) pela dispersão em pequenas aldeias dentro das áreas com grupos muito pequenos alterando a situação de interação social e patrilinear / atitudinal, e (iii) pela educação escolar, que pode se dar na cidade desde o ensino fundamental e, conseqüentemente, pelos materiais didáticos em língua portuguesa, mesmo que a instrução se dê na área (Braggio 2001).

Em situações de bilinguismo alto os empréstimos do tipo *loanblend* e aportuguesados atestam esta situação. Em meu ponto de vista, há uma situação complexa nesse cenário e que se refere à comunidade como um todo com respeito ao uso da L1: aumento do léxico para os +jovens (12 a 20 anos) e ± jovens (21 a 49 anos) e redução do léxico para os +velhos (acima de 50 anos) (veja Braggio 2005), distanciando a geração de falantes e, portanto, tornando cada vez mais difusas as relações sociointeracionais e, seguramente, conflitantes, causando uma diglossia interna, de atitudes e variedades linguísticas geracionais distintas, de desfecho imprevisível no longo prazo.

Geralmente, nessas situações de bilinguismo alto, com diglossia, ocorre a resistência ou o deslocamento (Hamel 1988). Todavia, como os empréstimos são inevitáveis, na verdade são comuns em contato entre línguas, os do tipo *loanblend* e aportuguesados podem passar mais facilmente pelos +jovens, embora sejam criticados pelos +velhos, que muitas vezes consideram que “não é Akwén o que os +jovens falam”. Por outro lado, os +jovens muitas vezes desconsideram a língua dos +velhos, chegando mesmo a estigmatizar certos termos do léxico como ultrapassados, afirmando que “é difícil entender o que os +velhos falam”, razões estas que me levaram a trabalhar não somente com a situação sociolinguística, mas com a estrutura da língua entre as gerações (Braggio 2006).<sup>4</sup> Na verdade, os falantes ±jovens são os que estabelecem a ponte entre as duas gerações, pois dominam as duas variedades.

---

<sup>4</sup> Em contrapartida, os + jovens geralmente não dominam temas e formas da língua dos +velhos.

### 3.1. A influência do xerente-akwén no português

#### 3.1.1. Empréstimos por criação / bilinguismo incipiente

Como afirmei anteriormente dividi as gerações em +velhos (50 anos em diante), ±jovens (21 a 49 anos) e +jovens (12 a 20 anos).

A fim de ilustrar e comparar os tipos de empréstimos nas diferentes situações sociolinguísticas, parto dos exemplos por criação.

Português	Xerente Akwén	(±jovens)
1. Papel	(+velhos) haisu + ka folha branca folha de papel (específica) para escrever)	hesuka / papé
2. Lápis	ĩ + kui + krãĩ + ze ppossessivo chifre cabeça nominalizador ("ponta" com cabeça de chifre para escrever)	ĩ kuikrẽze / rapi
3. Melancia	wde + kru + krãĩ + ze classificador N sede cabeça nominalizador (fruta redonda para matar a sede)	wdekrũkrẽze / mrãsi
4. Laranja	wde+ krãĩ + ku + ze classificador N cabeça verde nominalizador (fruta redonda verde)	wdekrẽkuze / rarã
5. Chinelo/sapato	da + pra + hã ppossessivo pé pele/casca (casca / proteção para o pé (dele/dela)	daprahã / rambret

Pode-se verificar nesses exemplos que os +velhos apresentam formas anteriores (processo por criação ou semântico) aos dos ± jovens e os mantêm. De importância fundamental, nos empréstimos por criação, é a inclusão dos empréstimos dentro das categorias existentes na L1, como se pode observar nos exemplos: (i) com os classificadores nominiais, com o uso de "wde", para uma classe dentro da categoria de árvores e (ii) com o uso do termo inalienável "pra": 'pé', precedido por um pronome possessivo, um possuidor: "da" e ĩ: 'dele', 'dela'. Um possuído na classificação dos xerente, distinta do português, nunca pode aparecer sem seu possuidor. De meu ponto de vista, esse tipo de empréstimo está em consonância com tempo de aquisição, ou seja, com a situação sociolinguística (início da aquisição do português e atitude de preservação da própria língua) e na etnossintaxe (ao fazer com que o novo termo faça parte da língua a partir de seus próprios itens lexicais). Trata-se de uma operação altamente criativa do falante em uma determinada situação sociolinguística, a de bilinguismo incipiente. Note-se, nos exemplos, a passagem de "ai" para "e" e de "ãĩ" para "ẽ" na geração dos ±jovens, o que indica uma variedade distinta dos ± jovens com relação aos +velhos próprios da língua nativa (o aparecimento dos empréstimos aportuguesados entre os ± jovens indica o contato cada vez mais intenso com o português).

Todavia, como afirmo em artigos anteriores (Braggio 1999, 2001), na escrita da língua nativa, quem escreve usa a forma dos +velhos ou a dos  $\pm$  jovens. Essa oscilação, além das diferenças na fala, tem causado conflito entre as gerações. Qual forma usar? A dos +velhos ou a dos  $\pm$  jovens? A quem prestigiar? Ainda com uma escrita na língua nativa em processo de instauração, os xerente akwén estão conscientes do problema e discutindo essa questão delicada e complexa, pois ela exigirá do grupo uma política de língua que não implique em mais conflito, afastamento das gerações e obsolescência da língua. Na verdade, uma escrita alfabética para povos que não a possuem são, para além da decodificação fonema/letra, uma questão política e ideológica (Gnerre 1985; Mori 1997) e esse é um ponto que não deve ser esquecido.

### 3.1.2. A influência do português no xerente-akwén

Os empréstimos aportuguesados, mesmo que passem pelo filtro da L1, e os do tipo *loanblend* indicam uma situação de bilinguismo alto entre os xerente akwén e a influência do português na língua nativa principalmente em vista dos fatores apontados anteriormente: migração para a cidade, dispersão na área e escolarização. Embora os empréstimos aportuguesados passem pelo filtro da língua, estão sendo muito mais utilizados do que os empréstimos por criação e os do tipo *loanblend* pela geração  $\pm$ jovem e +jovem (Braggio 2010). Tanto os empréstimos aportuguesados como os do tipo *loanblend* apontam para o conhecimento das duas línguas, mas de formas diferentes, os primeiros cedendo espaço ao português e os últimos encapsulando o português no xerente akwén de forma velada, mas talvez não menos perigosa, mostrada a seguir. As estratégias utilizadas pelo falante são fascinantes se levarmos em consideração que são línguas morfológica e sintaticamente distintas. Logo, não é tarefa fácil distinguir os *loanblends*.

Em xerente akwén, no que diz respeito aos  $\pm$ jovens e +jovens que não adquiriram o português simultaneamente ao xerente akwén, são inúmeros os exemplos em que os akwén usam este tipo de empréstimos tanto em sua língua quanto em português. Nota-se esse aspecto nos processos morfofonológicos típicos do xerente akwén (Braggio 2006). Os exemplos de empréstimos que passam pelo filtro da língua mostram claramente a L1 influenciando a L2, mas em contrapartida abrem espaço para o uso do português já que, com o contato cada vez mais intenso e a entrada massiva de itens lexicais do português, os empréstimos por criação estão deixando de ser usados. Os empréstimos aportuguesados vão dominando.

Portanto, com o contato cada vez mais intenso e, possivelmente, com uma atitude diversa dos +velhos, tudo indica que a variedade dos +jovens é a mais usada, como mostram os exemplos. É usada somente na fala, seja em português ou xerente akwén e também em *codeswitchings*:

	Português	Xerente Akwén ( $\pm$ jovens) e (+jovens)
1.	Papel	papé
2.	Lápis	rápi
3.	Rádio	had
4.	Escola	scor
5.	Bicicleta	bicicret

6.	Melancia	mrãsi
7.	Laranja	rarã
8.	Carro	kah

Esses exemplos dos  $\pm$ jovens e +jovens apresentam processos fonológicos que se desenvolveram naturalmente na língua nativa. Um aspecto importante é o do acento fonológico. Em xerente *akwén* o acento sempre recai na última sílaba (é previsível) e à medida que novos elementos são aglutinados a um item lexical primário, os acentos deslocam-se para a última sílaba, em uma língua basicamente aglutinante. Nas palavras emprestadas do português, as sílabas não acentuadas, precedidas pelas sílabas acentuadas, passam pelo processo da síncope. A L1 ainda se mostra presente na aproximação do fonema mais próximo desta língua, quando nela não existe, como a do uso do “r” no lugar do “l”. Obviamente, o uso “aportuguesado” dos empréstimos exclui a inclusão de muitos empréstimos nas categorias da L1 e no dos termos inalienáveis, estreitamente ligados ao ambiente e à cultura, mostrando o uso mais acentuado do português pelos +jovens que têm mais contato com a L2.

Logo, na passagem de uma geração à seguinte e ao contato cada vez mais intenso com a língua portuguesa, os exemplos por criação estão deixando de ser usados. Os exemplos de *loanblends* a seguir são de vital importância para a escrita do xerente *akwén*, já que, se necessários para falar de determinados tópicos, são eles que vão aparecer nesta modalidade da língua:

1.	Mãe	mãe/ <b>mãirê</b> N qualificador Mãezinha
2.	Pai	pai/ <b>pairê</b> N qualificador Paizinho
3.	Dinheiro(inho)	ktâprezuzĩ classificador valor zinho pouco dinheiro dinheirinho
4.	Telhado	krikusubize V=subir casa para cima subir nominalizador (lugar da casa para onde se sobe) telhado
5.	Açougue	inĩ <b>vêdeze</b> V=vender carne vender nominalizador lugar onde se vende carne açougue

- |    |              |   |
|----|--------------|---|
| 6. | Pão          | <b>pāukre</b><br>pão comer<br>lugar onde se come pão<br>padaria                                 |
| 7. | Xarope       | <b>dakakuramōze</b><br>V=curar<br>tosse curar para nominalizador<br>para curar a tose<br>xarope |
| 8. | Cobert(a)/or | <b>sikubisibize</b><br>V=cobrir-se<br>reflexivo cobrir-se com qualific. Nominalizador           |

A partir desses exemplos, com exceção dos dois primeiros, que passaram direto para a L1 (sem o **re** que pode ser considerado semanticamente como um qualitativo afetivo e não “mãe pequena” e o 3 com o **zi** que também interpreto semanticamente como um qualificador de respeito, no contexto em que ocorreu, e não como quantificador), pode-se notar que além dos processos fonológicos da língua (nos exemplos, síncope de consoante), há uma regra de formação para os empréstimos:<sup>5</sup>

- (i) Em palavras emprestadas a partir do item lexical percebidos como Nome, o nominalizador **ze** não é marcado no final da palavra e,
- (ii) Em palavras emprestadas a partir do item lexical sentidos como Verbo, o nominalizador **ze** é adicionado ao final da palavra.

Logo, a nova palavra é encapsulada na língua nativa. E, de fato, sem uma análise dos empréstimos, os novos itens passam totalmente despercebidos na língua xerente *akwén*; passam como palavras da língua, embora contenham partes de xerente *akwén* e português. As estratégias para lidar com os empréstimos indicam um falante ou um grupo de falantes com conhecimento das duas línguas usadas no seu cotidiano e ligado ao que ocorre naquele momento no contexto situacional.

Os exemplos de *loanblend* e *aportuguesados* levam a duas conclusões distintas: (i) nos do tipo *loanblend* a L1 é dominante, pois é ela que encaixa os itens lexicais nominais ou verbais da L2 à estrutura da L1. Fica, contudo, a questão: com a entrada cada vez mais massiva de empréstimos, estes continuarão a ser elaborados e, se sim, que papel eles terão na L1? (ii) nos *aportuguesados*, embora passem, no momento, pelo filtro da língua, mostram o crescente domínio da língua portuguesa. Não serão os que futuramente serão usados, talvez como diretos, já que os +jovens são os que mais os usam? Não são os +jovens que irão transmitir a L1 a seus filhos? Quais as implicações para a L1?

---

<sup>5</sup> Possivelmente a essas regras outras serão adicionadas na medida em que os xerente *akwén* vão se inteirando mais da semântica / pragmática da língua portuguesa e esta autora possa observar mais empréstimos deste tipo na conversação “natural”.

Vimos que para cada situação sociolinguística, mudança no ambiente/cultura e de tipo de bilinguismo, ocorre um determinado tipo de empréstimo: empréstimos por criação no bilinguismo incipiente, empréstimos *loanblend* e aportuguesados no bilinguismo alto.

A diferença entre os empréstimos por criação, os *loanblends* e os aportuguesados é significativa. Como vimos os empréstimos por criação são dominados pela L1. Nos *loanblends* há o uso das duas línguas e em determinado momento pode acontecer que os próprios falantes não sejam capazes de distinguir o que é xerente e o que é português.

Na etnossintaxe, há um fator que preocupa o linguista quando compara um exemplo por criação com um *loanblend* ou um aportuguesado. Basta ilustrar com um exemplo, pois outros já foram apresentados. Desejo destacar com esse exemplo, o aspecto inalienável feito pelos xerente akwén. Partes do corpo, termos de parentesco, sentimentos e tudo que sai da boca (sons, palavras, cantos, etc.), são inalienáveis: têm que “necessariamente” ter um possuidor, somente um akwén, um animal ou uma planta, ou seja, somente seres humanos (akwén) e seres considerados vivos, plantas e animais (+vida) podem ser possuidores (Braggio no prelo).

Assim:           da + pra + hã  
                      “casca para o pé”  
                      “chineló”

Sendo o “pé” parte do corpo, mesmo que apareça em um empréstimo, tem que ter um possuidor, “pé de alguém / dele / dela”, aqui representado por um pronome.

Já os +jovens usam para o mesmo item:

rambret que vem de “lambreta” termo regional para:  
“chineló”

Recentemente (Mesquita e Braggio no prelo) em dados coletados por Mesquita, o mesmo item, “pra”, que em xerente akwén é inalienável, foi usado por um jovem com contato intenso com a cidade da seguinte forma:

<b>Português</b>	<b>Xerente</b>
pneu	kah + pra
	carro pé (pé do carro)
	“pneu”

Ou seja, o falante +jovem usa um termo inalienável combinado a um termo [–vida], sem vida, que não poderia, mas foi usado, não observando a categoria dos inalienáveis.

Outro exemplo coletado por esta autora de um jovem vivendo por muitos anos na cidade, onde foi escolarizado, aponta uma não sincronia com as regras apontadas anteriormente para os *loanblends*:

<b>Português</b>	<b>Xerente</b>
casa velha (antiga)	kri + vê
	casa velha

Embora o falante use a regra de síncope da última sílaba da sua língua quando a anterior é acentuada, na palavra “velha”, também não segue as regras anteriores.

O uso dos empréstimos pode levar, em meu ponto de vista, ao *codeswitching*. Ou seja, os termos do português entram como empréstimos e acabam por criar condições para o surgimento de mudanças de língua. Alguns empréstimos que abarcam outros termos da língua e que estão sendo usados como: então, ainda, mas, também, depois, já no nível da sintaxe e da pragmática, como marcadores discursivos e conjunções, acabam por instaurar o uso das duas línguas.

A frase seguinte foi coletada por mim durante um de meus trabalhos de campo com esse povo:

“Kupazu wat kmēka *mas café* it kmē kārko”  
Farinha comprei, mas café não comprei.

Esses tipos de exemplos também foram observados por mim quando das discussões entre os professores em sala de aula e em conversas fora da sala de aula (1991 em diante).

Embora não seja meu objetivo me aprofundar nos *codeswitchings* nesse artigo, acredito ser importante apontá-los, pois o contato mais intenso com o português pode aumentar o seu uso pelos falantes +jovens em situação de bilinguismo alto. É importante salientar que fazer *codeswitchings* é um processo normal entre bilíngues. Todavia, quando se trata de relação de uma língua forte com outra minorizada, é possível que a L2 domine a L1, acabando por deslocá-la.

Os dados do presente artigo levam a conclusões, mas também a questionamentos. É do que trato a seguir nas reflexões às perguntas elaboradas para o tema abordado.

#### 4. REFLEXÕES FINAIS

Responder as questões por mim elaboradas no início desse artigo leva necessariamente a reflexões, já que está se tratando com uma questão vital, a da obsolescência ou a resistência de uma língua indígena, considerada minorizada e, portanto, em perigo de extinção (Krauss 1992). Afinal, a língua depende de seus falantes, das suas atitudes e das pressões que sofrem ao terem que, compulsoriamente, adquirir o português (Maher 1998). Para os xerente akwén não há como sobreviver sem a língua portuguesa, em uma situação de contato assimétrica e diglósica/ conflitante, sem serem cada vez mais excluídos da sociedade envolvente. Logo, ser bilíngue, para esse povo indígena, é uma necessidade, um instrumento de resistência, de luta, mas também um espaço para a invasão da língua portuguesa em sua própria língua.

Os fatores extralinguísticos estão cada vez mais operantes: maior contato com a sociedade envolvente, mais dispersão na área e escolarização que, com a maioria dos materiais em língua portuguesa, infla o ambiente com novos termos e construções da dessa língua, em uma velocidade que já não possibilita ao grupo, disperso, tempo para refletir sobre eles. Os empréstimos aportuguesados ganham espaço e afastam cada vez mais as gerações em uma sociedade em que os +jovens são numericamente a maioria. Todavia, se ainda falam a L1 após 150 anos de contato, tudo indica que houve resistência, já que a L1 foi e vem sendo passada entre as gerações.

Uma língua morre quando uma geração deixa de passá-la para a seguinte. Este é um fator preponderante quando pesquisadores falam em morte de línguas (Fishman 2000; Grenoble e Whaley 1998; Edwards 1992; Herzfeld e Lastra 1999; Hinton e Hale 2001 e muitos outros). Quando isso ocorre são pouquíssimos os falantes que manterão a sua língua ao longo do tempo. Esse é um fato que vem sendo constatado pelas pesquisas com línguas indígenas onde quer que elas ocorram. O resgate de uma língua extinta requer tremendos esforços e recursos financeiros (Crystal 2000). Uma língua sendo deslocada, ainda não extinta, pode ser revigorada, fortalecida, empoderada (*empowered*), mas requer esforços não só de seus falantes, como de especialistas e de políticas governamentais que cumpram seu papel de salvaguarda de seus bens imateriais, caso das línguas indígenas brasileiras. Os linguistas fazem parte natural desses esforços, mas sozinhos, dificilmente conseguirão resgatar uma língua extinta ou reavivar uma língua sendo deslocada.

Como afirmei, há uma dinâmica extralingüística que atua fortemente na língua e que interfere na atitude do povo xerente akwén. Os aspectos positivos que já estão acontecendo com os xerente: (i) o reconhecimento de que a aquisição sucessiva oral e escrita da L2 é gradual e que nesse processo a L1 dá suporte para a L2 com indícios marcantes da L1 na L2, não mais podendo ser considerados como erros, mas como processos que devem ser respeitados e trabalhados com os alunos na aquisição do português escrito; (ii) que este fato pode se estender por toda uma vida e é o que distingue a sua variedade do português de outras línguas indígenas: a *Variedade Étnica Português Xerente* (Braggio 1998), (iii) a consciência dos principais fatores linguísticos que estão afetando negativamente a língua: os tipos de empréstimos feitos pela L1 da L2, ou seja, quando os akwén possuem as mesmas palavras na sua língua; (iv) a consciência dos fatores extralingüísticos que atuam negativamente na língua e que estão, embora não resolvidos, pelo menos estão sendo discutidos e questionados pelos falantes +velhos. Como fator negativo, eu apontaria o pouco tempo que, em uma era de revolução digital, o povo xerente akwén tem para resolver todos os seus problemas, os externos e os internos, os quais não são dissociáveis (Braggio 2000). É preciso muita união e vontade do povo para resolvê-los (Crystal 2000), uma atitude não conflitante de todos os envolvidos.

Além disso, é preciso que os governos federais, estaduais e municipais e outras instituições se envolvam e tenham mais vontade política em fornecer condições e recursos financeiros para que os povos indígenas desenvolvam suas maneiras próprias de sustentabilidade e permanecer em suas terras (projetos executados na época em que a Fundação Nacional do Índio, FUNAI,<sup>6</sup> era dirigida pelos militares não funcionaram e os atuais: barragens, estradas cortando as terras indígenas, usinas, medidas compensatórias, também não). É preciso reconhecer que cada etnia indígena tem suas singularidades e assim deve ser tratada, principalmente no que se refere ao fator escolarização. Há muito a ser feito.

---

<sup>6</sup> A FUNAI é a responsável oficial do governo federal pelos índios brasileiros.

Mas, o que anima esta autora, a despeito dos problemas levantados por esse artigo, é a incrível capacidade de resistência dos xerente akwén. Muitas outras etnias e suas línguas desapareceram nesses 511 anos de contato. Note-se que, atualmente, para 215 etnias há 180 línguas, ou seja, muitas línguas se perderam (ISA 2001-2006). Os xerente akwén, apesar da situação de conflito em que vivem não a perderam. Criaram/ criam seus filhos, passaram/passam sua língua de uma geração a outra e têm orgulho de se autodenominarem AKWÉN, “o povo”, “a gente”, e desejam permanecer assim, sendo sua língua um forte marcador de sua identidade.

Em síntese, a sociolinguística e a etnossintaxe dão suporte para que se possa assumir que, uma vez em contato com a língua e a sociedade dominante, a comunidade xerente akwén tem passado por processos característicos dessa situação: mudanças no ambiente, ou contexto situacional, levam a transformações sociolinguísticas que se imprimem nas línguas em uso e na atitude de seus falantes com relação a elas. Portanto, concluo esse artigo apontando seus principais resultados em resposta às perguntas por mim colocadas. Em situação de bilinguismo incipiente, os xerente akwén, ao tomar emprestadas palavras da língua portuguesa, criam-nas em sua própria língua, incorporam-nas a ela tornando-as palavras suas. Em situação de bilinguismo alto, pode se apontar duas direções: a positiva e a negativa. Para lidar com os *loanblends*, o português é encapsulado no cerne de sua língua, tornando-o quase invisível, pois a língua mais usada é a akwén. Todavia, esse mesmo processo esconde o fato de que os akwén estão usando as duas línguas na mesma palavra, o que pode passar a impressão de que o português não esteja “dentro” da L1. No caso dos empréstimos aportuguesados, embora os akwén +velhos estejam apontando-os como nocivos, são os que são mais usados pelos +jovens, portanto um fator negativo que impacta a sua língua e a relação entre as gerações, uma situação de conflito.

Minha hipótese é a de que os empréstimos do tipo aportuguesado são os que estão sendo mais utilizados. É importante apontar que autores lidando com situações de contato de línguas mostram transformações que podem ocorrer. Schumann (1987) mostra como os indígenas maya-mopan, do Equador, estão passando de uma tipologia SOV para SVO em contato com o espanhol. Nettle e Romaine (2000) apontam como as categorias lexicais complexas de dyirbal, língua aborígene australiana, estão sendo reduzidas a [+animado] e [-animado] pelos falantes mais jovens da língua em contato como inglês. Apontei também sob esse aspecto uma possível dissolução do caráter alienável / inalienável, que em minhas análises mostram uma concepção bastante distinta das feitas em línguas não-indígenas.

Tendo em vista os dois paradigmas, posso afirmar que há uma transformação sócio/cultural/ambiental, em vista do contato do xerente com o português, que afeta o modo como as diferentes gerações lidam com as duas línguas no atual cenário: os +velhos com atitudes de proteção à sua língua e cultura e os +jovens, devido a transformações e pressões externas e internas ao grupo, principalmente com relação às atitudes de seus falantes, dão abertura à entrada do português e aos supostos benefícios que o domínio dessa língua traria ao seu povo.

Em síntese, a questão do contato é, portanto, séria, pois quando uma língua desaparece todo um mundo cognitivo, cultural, cosmológico, desaparece com ela. Logo, se no momento a língua portuguesa está adentrando na língua xerente akwén, pode-se ter a expectativa de que os +jovens, que estão usando mais frequentemente os empréstimos aportuguesados percebam, como seus ascendentes, a invasão, e evitem a

obsolescência da língua. Dado o caráter de resistência dos akwén, a resposta deveria ser positiva, mas só o tempo dirá se os fatores extralingüísticos não serão cada vez mais impositivos sobre as suas atitudes e, conseqüentemente, no uso de sua língua nativa. Portanto, é uma questão em aberto.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOUNT, Ben G. (ed.) (1974). *Language, Culture and Society*. Cambridge: Winthrop Publishers.
- BOAS, Franz (1974). Introduction to the handbook of American Indian languages. In Ben G. Blount (ed.). *Language, Culture and Society*, pp. 12-31. Cambridge: Winthrop Publishers.
- BRAGGIO, Sílvia L. B. (1995). The sociolinguistic situation of native peoples of Central Brasil: from trilingualism to language loss. *Inter-ação* 1(1): 122-136.
- \_\_\_\_\_. (1997). Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo. *Revista da Abralín* 1(20): 139-172.
- \_\_\_\_\_. (1998). Variedade dialetal do português em contato com uma língua indígena. *Estudios de Lenguas y Culturas Amerindias II-Lenguas, Literaturas, Médios*, pp. 124-145. Valência, Espanha: Universitat de València.
- \_\_\_\_\_. (2000). Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. *Revista do Museu Antropológico*, 5/6 (1): 9-54.
- \_\_\_\_\_. (2001). La instauración de la escritura entre los Xerente: conflictos y resistencias. In Julio Calvo (ed.). *Contacto Interlingüístico e Intercultural en el Mundo Hispano*. Vol. 1, pp. 65-81. Valência, Espanha: Universitat de València.
- \_\_\_\_\_. (2005). Um estudo tipológico sociolinguístico dos Xerente Akwén: questões de vitalização. In Ofir Bergemann de Aguiar (org.). *Região, Nação, Identidade*, pp. 165-183. Goiânia: AGEPEL, Agência Goiânia de Cultura.
- \_\_\_\_\_. (2006). Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente Akwē uma visão comparativa dos dados de Martius (1866) a Maybury-Lewis(1966) com os de Braggio (2004). *Signótica* 16: 251-274.
- \_\_\_\_\_. (2010). Reflexões sobre os empréstimos do tipo loanblend e direto na lingual xerente akwén. *Revista de Estudos da Linguagem* 18(1): 87-100.
- \_\_\_\_\_. (No prelo). Os Xerente Akwén, os animais e as plantas: revisitando os inalienáveis pela semântica da gramática.
- CALVO, Julio Pérez; GODENZZI, Juan Carlos (eds.) (1997). *Multilingüismo y educación bilingüe en América y España*. Cuzco, Perú: CBC-Centro de Estudios Regionales Andinos Bartolomé de las Casas.
- COOK, Vivian; BIASSET, Benedetta (eds.) (2011). *Language and bilingual cognition*. Great Britain: Psychology Press.
- CRYSTAL, David (2000). *Language Death*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DE GROOT, Annette M. B. (2011). *Language and Cognition in bilinguals and multilinguals*. Great Britain: Psychology Press.
- DORIAN, Nancy. C (ed.) (1989). *Investigating obsolescence. Studies in language contraction and death*. Cambridge: Cambridge University Press.
- EDWARDS, John (1992). Sociopolitical aspects of language maintenance and loss: towards a typology of minority language situations. In Willem Fase; Koen Jaspaert; Sjaak Kroon (eds.). *Maintenance and loss of minority languages*, pp. 37-54. Amsterdam: John Benjamins.

- ENFIELD, N. J. (2004). Introduction. In \_\_\_\_ (ed.). *Ethnosyntax. Explorations in Grammar & Culture*, p. 5. Oxford: Oxford University Press.
- FISHMAN, Joshua A. (1972). The sociology of language. In Pier Paolo Giglioli (ed.). *Language and Social Context*, pp. 45-58. New York: Penguin Books.
- \_\_\_\_.(ed.) (1977). Language Death. *International Journal of the Sociology of Language* 12. (Número especial organizado por Wolfgang Dressler e Ruth Wodak-Leodolter)<sup>7</sup>
- \_\_\_\_.(1991). *Reversing language shift*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd.
- \_\_\_\_.(ed.) (2000) *Can threatened languages be saved?* Clevedon: Multilingual Matters Ltd.
- GARDNER-CHLOROS, Penelope (2011). *Code-switching*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GIGLIOLI, Pier Paolo (ed.) (1972). *Language and Social Context*. New York: Penguin Books.
- GNERRE, Maurizio (1985). *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo. Martins Fontes.
- GOMEZ-IMBERT, Elsa (1999). When animals become “rounded” and “feminine”: conceptual categories and linguistic classification in a multilingual setting. John J. Gumperz; Stephen C. Levinson (eds.). *Rethinking Linguistic Relativity*, pp. 438-469 Cambridge: Cambridge University Press.
- GRENOBLE, Leonore A.; Lindsay J. Whaley (eds.) (1998). *Endangered languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GRINEVALD, Colette (1998). *Language endangerment in South America: a programmatic approach*. Leonore A. Grenoble; Lindsay J. Whaley (eds.), pp. 124-160. Cambridge: Cambridge University Press.
- GROSJEAN, François (1982). *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press.
- \_\_\_\_.(1994). Individual bilingualism. In R. E. Asher; J.M.Y. Simpson (eds.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, pp. 1656-1660. Oxford: Pergamon Press.
- GUMPERZ, John (1972). The Speech Community. In Pier Paolo Giglioli (ed.). *Language and social context*, vol. 3: 219-231. New York: Penguin Books.
- HALE, Ken (1992a). On endangered languages and the safeguarding of diversity. *Language* 68(1): 1-3.
- \_\_\_\_.(1992b). Language endangerment and the human value of linguistic diversity. *Language* 68(1): 35-42.
- \_\_\_\_.(1998). *On endangered languages and the importance of linguistic diversity*. In Leonore A. Grenoble, Lindsay J. Whaley (eds.). *Endangered Languages*, pp. 192-216. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_.(2001). *Linguistic aspects of language teaching and learning in immersion contexts*. In Leanne Hinton; Ken Hale (eds.), pp. 227-235. New York: Academic Press
- HALLIDAY, Michael A. K. (1964). *Language in a social perspective*. Paper presented at the Linguistic Society of Oxford. UK. ms.
- HAMEL, Rainer Enrique (1988). La política del lenguaje y el conflicto interétnico - Problemas de investigación sociolingüística. In Eni Orlandi (ed.). *Política Lingüística na América Latina*, p. 41-74. Campinas, SP: Pontes.
- HERZFELD, Anita; LASTRA, Yolanda (eds.) (1999). *Las causas sociales de la desaparición y de mantenimiento de las lenguas en las naciones de América*. Sonora, México: Universidad de Sonora.

---

<sup>7</sup> Comentário do editor (LIAMES).

- HINTON, Leanne (2001). *Language revitalization: an overview*. In \_\_\_\_; Ken Hale (eds.). *The green book of language revitalization in practice*, pp. 3-18. New York: Academic Press.
- \_\_\_\_; Ken Hale (eds.) (2001). *The green book of language revitalization in practice*. New York: Academic Press.
- HYMES, Dell (1967). On communicative competence. In Renira Huxley; Elizabeth Igram (eds.) (1972). *Language Acquisition: Models and Methods*, pp. 48-57. London: Academic Press.
- \_\_\_\_.(1974). Toward ethnographies of communication: the analysis of communicative events. In Pier Paolo Giglioli (org.). *Language and Social Context*, pp. 21-44. New York: Penguin Books.
- ISA. (2001-2006). *Povos Indígenas do Brasil*. São Paulo: Instituto Socioambiental.
- KRAUSS, Michael (1992). The world's languages in crisis. *Language* 68 (1): 4-10.
- LYONS, John (1986). *Lingua(gem) e Linguística*. São Paulo: Ed. Guanabara.
- MAHER, Tereza. M. (1998). Sendo índio em Português. In Inês Signorini. (org.). *Lingua(gem) e identidade*, pp. 115-138. São Paulo: Mercado de Letras.
- MESQUITA, Rodrigo; Silvia L B Braggio (No prelo). *Obsolescência linguística em Xerente Akwén: diglossia, empréstimo e codeswitching*.
- MORI, Angel Corbera (1997). Conteúdos linguísticos e políticos na definição de ortografias das línguas indígenas. In Wilmar R. D'Angelis e Juracilda Veiga (eds.). *Leitura e escrita em escolas indígenas*, 23-33. Campinas, SP: Mercado de Letras/ALB.
- NETTLE, Daniel; Suzane Romaine (2000). *Vanishing Voices. The extinction of the world's languages*. Oxford: Oxford University Press.
- RODRIGUES, Aryon. D. (1986). *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- SAPIR, Edward (1921 [1949]). *Language. An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt, Braze & Jovanovitch, Inc. (Copyright [1949] por Jean V. Sapir)<sup>8</sup>.
- SCHUMAN, Otto. G. (1997). *El bilingüismo maya-mopán y qéqchi*. In Julio Calvo; Juan Carlos Godenzzi (eds.). *Multilingüismo y educación bilingüe en América y España*, pp. 339-346. Cuzco, Perú: CBC-Centro de Estudios Regionales Andinos Bartolomé de las Casas.
- UNESCO (2000). *Informe sobre las lenguas del mundo*. ms.
- WHORF, Benjamin Lee (1941 [1974]). The relation of habitual thought and behavior to language. In Ben G. Blount (ed.). *Language, Culture and Society*, pp. 67-87. Cambridge: Wintrop Publishers.
- WIERZBICKA, Anna (1997). *Understanding cultures through their key words*. Oxford: Oxford University Press.

Recebido 12/2/2012  
Versão revista 28/5/2012  
Aceito 10/6/2012.

---

<sup>8</sup> Observação do Editor - LIAMES.